



Rio de Janeiro, 11 de novembro a 13 de novembro de 2015

EXPERIÊNCIA CENOGRÁFICA SUSTENTÁVEL

Inclusão de parâmetros sócio-ambientais em projeto cenográfico junino

Gustavo Resende Rodrigues
Universidade Federal de Goiás
g.resende.1989@gmail.com

Resumo: A fim de intervir no processo destrutivo do planeta, cada vez mais são adotadas posturas sustentáveis no desenvolvimento humano. O ano de 2015 foi marcado pela antecipação do "overshooting day", o dia em que o consumo excessivo dos recursos naturais, ultrapassa a capacidade regenerativa do meio ambiente. Diante desse contexto, o designer surge como um construtor de novos cenários que produzem mudanças tanto no processo produtivo quanto na conscientização social. O presente artigo traz uma experiência cenográfica com propósito de trabalhar a inserção dos conceitos sustentáveis na ambiência de uma festa junina e nos valores de uma comunidade local. O projeto contou com oficinas de reciclagem e reúso de materiais para a confecção de ornatos, priorizando o serviço em detrimento à aquisição de novos produtos. O resultado final propiciou uma reflexão sobre o papel do designer como construtor e operador de cenários a favor de um consumo consciente e responsável, comprometido com valores que permeiam as relações entre o homem, a cultura e a preservação do meio ambiente.

Palavras-chave: design, sustentabilidade, cenários sustentáveis, design social

Abstract: In order to intervene in the planet's destructive process, sustainable attitudes are increasingly adopted in human development. The year 2015 was marked by the date anticipation of the "overshooting day", wherein the excessive consumption of natural resources exceeds the regenerative capacity of the environment. In this context, the designer appears as a builder of new scenarios which produce changes in both the production process and social awareness. This article provides a scenic experience with the intention of working the sustainable concepts inclusion in the ambience of a June Festival and in the local community principles. The project involved workshops of recycling and reuse materials for making ornaments, prioritizing service instead

of purchasing new products. The result provided a reflection about the designer role as a builder and operator of scenarios in favor of a conscious and responsible consumption, committed to values that permeate the relations between people, culture and the environment preservation.

Keywords: *design, sustainability, sustainable scenarios, social design*

1. INTRODUÇÃO

O termo Sustentabilidade é frequentemente acompanhado de assuntos relacionados à crise ambiental. As mídias noticiam diariamente impactos ambientais em diferentes regiões do planeta, o que faz do conceito “desenvolvimento sustentável” um problema global a ser discutido nas várias esferas de poder.

Enquanto muitos acompanham passivamente ações abrangentes de políticas internacionais na negociação de acordos para a redução desses impactos, outros realizam ações locais de grande importância na formação de uma ética orientada a novos valores voltados para a preservação do meio ambiente.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável – ECO - 92, realizada no Rio de Janeiro, trouxe à tona o que há muito se discutia: saídas para minimizar os impactos ambientais pelas vias política, econômica e social. Desde então, formal ou informalmente, o conceito desenvolvimento sustentável passou a ser uma realidade exigida no contexto global (NICHIOKA, 2008).

No âmbito social, várias são as experiências que incorporam o espírito ecológico na garantia contínua da melhoria do bem estar humano. O designer é visto como o grande formulador de cenários que integram esses conceitos à realidade da sociedade, introduzindo paulatinamente no decorrer de seus projetos caminhos que priorizem o Design e a Inovação Social (MANZINI, 2009).

Esse artigo tem como objetivo apresentar as experiências cenográficas obtidas ao longo de um projeto de extensão realizado junto ao Grupo Espírita de Orientação Familiar (GEOF), em Goiânia, voltado para a comunidade local de baixa renda. A metodologia aplicada à criação cenográfica incluiu o uso de referências históricas da festa junina para elaboração conceitual da ambiência, respeitando os princípios espírita; a confecção de ornamentos com materiais de reciclo e reúso por meio de oficinas junto à comunidade; e o uso do conceito “Performance Process” na compreensão das alterações do projeto ao longo do processo (DUARTE, 2013).

O resultado final propiciou uma reflexão sobre o papel do designer como construtor de realidades materiais a favor de um consumo consciente e responsável, comprometido com valores que permeiam as relações entre o homem, a cultura e a preservação de seu meio ambiente, propondo regras de como a sociedade deve consumir e analisando, através de sua produção, um olhar que reflete toda uma tradição da cultura local.

2. DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Nos últimos 40 anos, o capitalismo é marcado pelo desenvolvimento de mercados mais éticos com maior responsabilidade social e ambiental, reflexo de

conferências ambientais realizadas pela Organização das Nações Unidas (ONU), evidenciando o forte impacto do homem na natureza (MARCONDES; BACARJI, 2010).

Nos anos 60 muito já se discutia do uso incontrolado dos recursos naturais que comprometeria o desenvolvimento das gerações futuras. O assunto ganhou visibilidade tanto na mídia quanto no meio acadêmico na década de 70, o que gerou a necessidade de se reunirem os países em uma conferência das Nações Unidas para discussão sobre o uso do meio ambiente. Em 1972, ocorreu o primeiro evento ecológico mundial, em Estocolmo, que abordou as diversas interrelações entre o desenvolvimento no âmbito social, econômico e ambiental. O encontro resultou em um plano de orientações com objetivo de reconhecer o meio ambiente como um bem a ser protegido com metas e objetivos a serem alcançados (DE PASSOS, 2009).

Na década de 80 aconteceram duas catástrofes ambientais que marcaram a história por sua atrocidade: o vazamento de gás tóxico em Bhopal cidade indiana, em 1984 e o acidente nuclear em Chernobyl, em 1986. Nesse mesmo período, 1983 a 1987, uma comissão liderada pela médica ex-primeira ministra Gro Harlem Brundtland, nomeada pela ONU, se propôs a estudar os fatores do desenvolvimento que impactam diretamente no meio ambiente (MARCONDES; BACARJI, 2010). Desse estudo foi elaborado um relatório, denominado Nosso Futuro Comum, que inseria o conceito de sustentabilidade como caminho para um desenvolvimento que não comprometesse a habilidade das gerações futuras de suprirem suas necessidades (ONU, 1987).

Os anos 90 foi marcado pela globalização. O consumo e a produção em massa ultrapassaram a capacidade regenerativa do meio ambiente, de modo que, em 1992, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro uma importante conferência das Nações Unidas, denominada Cúpula da Terra, também conhecida por Rio-92. Nela foram propostos novos rumos para o desenvolvimento sustentável, a ser “exercido de tal forma que responda equitativamente às necessidades de desenvolvimento e ambiental das gerações presentes e futura” (ONU, 1992). Desse encontro foram elaborados dois documentos de natureza política a Agenda 21 e a Declaração Rio, que estipulavam medidas mais severas quanto ao uso do meio ambiente, estabeleciam uma relação entre países ricos e pobres por meio do princípio de responsabilidades comum, porém diferenciada por países e a determinavam a educação como o caminho para a conscientização social diante do contexto ambiental, ainda que os resultados viessem a médio e longo prazo (GUIMARÃES; DA FONTOURA, 2012).

Nos anos seguintes aconteceram mais dois encontros das Nações Unidas sobre o meio ambiente a Cúpula de Joanesburgo, também conhecida por Rio+10, no ano de 2002 e a Conferência de Revisão Rio+20, na cidade do Rio de Janeiro, em 2012. Ambas tiveram como propósito avaliar os efeitos gerados pós Rio-92, renovar o compromisso político dos países com o desenvolvimento sustentável, identificar lacunas e estabelecer novas medidas conforme necessário. Criticadas por muitos autores como retrocesso da Rio-92, por ter havido maior interesse dos países, principalmente desenvolvidos grandes consumidores de insumos ambientais, em priorizar seu desenvolvimento econômico privado ainda que de forma insustentável, diante do cenário de crise mundial no início do século 21 (GUIMARÃES; DA FONTOURA, 2012).

2.1 As empresas sustentáveis

A partir do relatório Nosso Futuro Comum, em 1987, o termo sustentabilidade foi inserido no contexto do desenvolvimento e alterou os rumos do mercado global. As

grandes empresas passaram a procurar estratégias que incluíssem o novo conceito em seu processo produtivo (MARCONDES; BACARJI, 2010).

O sociólogo consultor britânico John Elkington, um dos maiores protagonistas nas discussões sobre sustentabilidade e responsabilidade social, propôs em 1997 o conceito de “*Triple Bottom Line*” (TBL) que apresenta como três compromissos a serem incluídos no planejamento estratégico de uma empresa sustentável: agir de forma economicamente lucrativa, ambientalmente correta e socialmente responsável (BERKOVICS, 2010). A inserção desses princípios não só valorizam a marca da empresa, como também fortalecem sua participação no mercado (SANTOS; LARANJA, 2015).

No contexto sustentável, agir economicamente implica em aderir às estratégias corporativas o conceito de responsabilidade sócio-ambiental, atrelada ao sistema lucrativo. O sucesso dessas ações dependem do esforço conjunto entre empresa e diferentes setores da sociedade. Um exemplo são ações que visam a redução da pobreza local, vista como uma das principais causas da vulnerabilidade em relação às ameaças ambientais (NICHIOKA, 2009).

Ainda nesse contexto, agir ambientalmente é conservar os recursos naturais e a biodiversidade, ameaçada pelo crescimento populacional e econômico. Para isso, devem ser trabalhadas ações que reduzam o uso de combustíveis fósseis, o consumo em massa, a emissão de poluentes; melhorem o aproveitamento energético; e substituam recursos não renováveis por renováveis, reciclando e aumentando sua eficiência de uso (NICHIOKA, 2009).

Por fim, agir de forma socialmente responsável envolve garantir a contínua melhoria no bem estar humano. São ações que visam , ao longo do processo de desenvolvimento, um crescimento estável com distribuição equilibrada de renda; acessibilidade a água potável e ao saneamento básico; segurança alimentar, no trabalho e na sociedade; educação e capacitação profissional; saúde e bem estar (NICHIOKA, 2009).

No século 21, ser sustentável se tornou indispensável para o sucesso empresarial. Há uma séria cobrança tanto por parte da legislação municipal, estadual e nacional, quanto por parte da sociedade, mais consciente das necessidades de se preservar os recursos para gerações futuras. Assim, uma empresa que queira destaque no mercado deve viver diariamente os conceitos sustentáveis, incluindo-os não só em seu planejamento estratégico, como também em seu código de conduta ética (SANTOS; LARANJA, 2015).

O sucesso de ações sustentáveis está diretamente relacionado a uma boa gestão programada segundo os conceitos da TBL que saiba identificar lacunas, reorientar rotas e priorizar ações de maior impacto. Além disso, é necessário que haja uma comunicação clara e precisa que mantenha e fortaleça a imagem da empresa frente seus colaboradores e clientes. No futuro, cada vez mais será cobrado das empresas esse posicionamento, por isso a eficiência e visibilidade de suas ações são extremamente importantes para mantê-la no mercado (SANTOS; LARANJA, 2015).

2.2 Os dispositivos de consumo e as estratégias do designer

O dia 13 de Agosto de 2015 foi marcado pelo adiantamento do “*overshooting day*”, o dia do ano em que o consumo dos recursos naturais ultrapassou a capacidade regenerativa do meio ambiente. Em 2014 essa data aconteceu seis dias mais tarde e em 2000 ocorreu dois meses depois. A data serve como medida de conscientização

para os rumos auto-destrutivos do planeta. Estudos baseados em seu comportamento estimam que em 2030 serão necessários dois planetas Terra para atender sua demanda consumista (GLOBAL FOOTPRINT NETWORK, 2015).

O desenvolvimento sustentável depende de mudanças não só no processo produtivo das empresas, mas também na mentalidade consumista de cada indivíduo (MANZINI, 2009). O produto enquanto um dispositivo de governo da capacidade e bem estar do ser, preenche esferas do desejo humano. O homem contemporâneo se assujeita diante de tantos dispositivos capazes de sujeitá-lo, exercendo poder sobre sua vontade e preenchendo seu vazio existencial. O capitalismo baseado nos vazios se inova de um mesmo refigurado, ofertando um desejo material de compra impulsiva fadada ao tédio, estágio no qual se retomam os vazios e recomeçam os ciclos consumistas (AGAMBEM, 2009).

Ao refletir sobre o universo dos dispositivos e seus significados sobre o homem, o designer, como autor vinculado ao planejamento produtivo, assume papel vital na elaboração de novas vias que alterem não só o padrão de produção, como também de consumo, atuando como um formulador de cenários viáveis, aceitáveis e atraentes. A melhoria na qualidade de vida em termos sustentáveis está vinculada à redescoberta dos valores coletivos e do tempo contemplativo como bem estar pessoal. O designer deve saber inserir esses termos como base para seus projetos cenográficos, propondo caminhos que priorizem o compartilhamento de produtos, o consumo de suficiência e a valorização de serviços em detrimento da aquisição de novos produtos (MANZINI, 2009).

Esse artigo traz uma experiência cenográfica junina, adequada aos conceitos sustentáveis, com foco em design social, aliando os princípios ambientalmente correto e socialmente responsável. O trabalho foi realizado em uma comunidade espírita de baixa renda, na cidade de Goiânia, Goiás, em parceria com o Grupo Espírita de Orientação Familiar (GEOF) e teve por objetivo avaliar o comportamento social diante de experiências sustentáveis, como a reciclagem, o reúso de materiais e a valorização do conhecimento local na produção de dispositivos cenográficos, priorizando o serviço como bem estar pessoal. A primeira etapa do projeto foi o desenvolvimento de um conceito junino que respeitasse os princípios da doutrina espírita, seguido de oficinas realizadas com a comunidade para a confecção dos ornamentos a partir do reúso de galhos e garrafas de vidro e da reciclagem de jornal. O cenário foi montado no ambiente de modo a transportar os participantes do evento ao universo junino proposto. A metodologia de *“Performance Process”* foi essencial para compreensão final dos resultados, uma vez que avalia o projeto de design enquanto uma cadeia produtiva em andamento, suscetível à alterações diretas e indiretas por fatores do consciente e do inconsciente humano (DUARTE, 2013).

3. CONCLUSÃO

O desenvolvimento do conceito junino levou em consideração sua natureza pagã de celebração da fertilidade em tempos de colheita, mantendo símbolos de sua tradição na estruturação da ambiência do evento, como bandeirolas e fitas coloridas; comidas, músicas e danças típicas. Originalmente uma festa pagã dos povos da Europa, África e Ásia que foi transportada para o contexto católico como uma celebração de passagem do profano para o sagrado, um ato de fé em homenagem à Santo Antonio,

São João Batista e São Pedro (TIGUEIRO, 1995). A figura 1 apresenta o ambiente finalizado em parceria com o Grupo Espírita de Orientação Familiar, GEOF.



Figura 1 - Cenografia junina produzida em parceria com Grupo Espírita de Orientação Familiar, GEOF.

Fonte: "Elaborado pelo autor, com base na pesquisa realizada"

Em respeito à doutrina espírita optou-se por rosas de papel como símbolo do poder e instrução espiritual na transição do profano para o sagrado, em substituição às imagens de santos católicos característicos na festividade (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1985). A figura 2 demonstra as rosas de papel que foram confeccionadas nas oficinas com a comunidade.



Figura 2 - Rosas de papel confeccionadas para ornamentação da festa.

Fonte: "Elaborado pelo autor, com base na pesquisa realizada"

As idéias inicialmente planejadas sofreram alterações ao longo do processo, principalmente quanto à reciclagem do jornal. Houve uma relutância da comunidade em aceitar esse material na ornamentação junina, preferindo papeis de cores vivas por questões estéticas. De acordo com o conceito “*Performance Process*” é durante a operação de um projeto que surgem percursos não-lineares frente às demandas da realidade, frutos do questionamento da qualidade do material, da técnica adotada, do conhecimento profissional, do custo envolvido, da tecnologia disponível. Além disso é no decorrer do processo que o designer retifica seu projeto, modifica detalhes, faz suas últimas escolhas, gerando resultados diferentes do que foi programado inicialmente (DUARTE, 2013).

Existe uma questão de valores evidenciada pela relatividade do estético na comunidade que impôs barreiras à reciclagem do jornal. Os papeis coloridos utilizados podem ser entendidos como dispositivos de preenchimento do desejo momentâneo da comunidade, por satisfazer sua necessidade estética de forma mais aceitável e atraente (AGAMBEN, 2009).

Não descartando completamente a reciclagem do material, optou-se por inserir detalhes de jornal entre os adornos da festa, no intuito de familiarizar o conceito sem impactar bruscamente os valores já enraizados da comunidade. Em meio ao colorido da cenografia, o jornal causou impacto positivo, pois atraiu a atenção das pessoas por sua estética destoante, gerando reflexões entre a comunidade quanto a sua possibilidade de uso decorativo. O resultado foi um cenário viável, aceitável e atraente capaz de provocar mudanças de atitude na sociedade local (MANZINI, 2009).

Outro fator relevante foi o apego gerado na comunidade pelos ornatos confeccionados que, ao final da festa, foram cuidadosamente guardados e reutilizados em eventos posteriores. O fato evidencia um prestígio maior pelo serviço no desenvolvimento da ornamentação do que se tivessem comprado pronta. Esse é um dos caminhos sugeridos no âmbito do design social para o desenvolvimento sustentável, priorizar o serviço em detrimento à aquisição de novos produtos (MANZINI, 2009).

Nesse projeto foi notório a necessidade em se ater às questões sustentáveis em vista à sobrevivência das gerações futuras em harmonia com meio ambiente. Muitos são os cenários a serem trabalhados pelo designer como estratégia de mudança de hábitos do consumidor contemporâneo. A experiência cenográfica mostrou que as possibilidades de mudança dependem dos valores envolvidos no meio que se trabalha. Alterar valores requer adequações táticas que gerem questionamentos pessoais da inclusão de novos conceitos, sem provocar de imediato sua repulsa. Os rumos do desenvolvimento sustentável estão diretamente relacionados ao sucesso em se construir cenários que tragam novos produtos e valores atrelados às causas do comprometimento ambiental.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Agros, 2009. Disponível em: <<http://ghiraldelli.pro.br/wp-content/uploads/34498541-agamben-giorgio-o-que-e-contemporaneo-e-outros-ensaios.pdf>>. Acesso em 15 abr. 2015.

BERKOVICS, Elkington. **Cannibals with Forks: The triple bottom line of 21st century business**. Paris: Capstone Publishing Ltd, 1997. Disponível em: <http://appli6.hec.fr/amo/Public/Files/Docs/148_en.pdf>. Acesso em 17 ago. 2015.

DE PASSOS, Priscilla Nogueira Calmon. A Conferência de Estocolmo como ponto de partida para a proteção internacional do meio ambiente. **Revista Direitos Fundamentais & Democracia**, Curitiba, v. 6, p. 1-25, 2009. Disponível em: <<http://revistaeletronicardfd.unibrasil.com.br/index.php/rdfd/article/viewFile/18/17>>. Acesso em 15 ago. 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Grafesa, 1985.

Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **ONU: Relatório Nosso Futuro Comum**. Geneva, 1987. Disponível em: <<http://www.un-documents.net/our-common-future.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2015.

Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. **ONU: Declaração do Rio**. Rio de Janeiro, 1992. Disponível: <<https://pactoglobalcreapr.files.wordpress.com/2010/10/declaracao-do-rio-sobre-meio-ambiente.pdf>>. Acesso em 16 ago. 2015.

DUARTE, Valquíria Guimarães. **Uma História Edificada: Tríplice Mimese e Performance**. Um estudo narrativo da fundação Iberê Camargo (Porto alegre 1998-2008), De Álvaro Siza. 2013. 321 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Curso de Pós-Graduação em História.

GLOBAL FOOTPRINT NETWORK. **August 13th is Earth Overshooting Day this year**. Oakland, 2015. Disponível em: <http://www.footprintnetwork.org/en/index.php/GFN/page/earth_overshoot_day_2015_press_release>. Acesso em 22 ago. 2015.

GUIMARÃES, Roberto Pereira; DA FONTOURA, Yuna Souza dos Reis. Rio+20 ou Rio-20? Crônica de um Fracasso Anunciado. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 19-39, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2012000300003>. Acesso em 17 ago. 2015

MANZINI, Enzo. New design knowledge. **Design Studies**, v. 30, n.1, p. 4-12, 2009.

MARCONDES, Adalberto Wodianer; BACARJI, Celso Dobes. **ISE - Sustentabilidade no Mercado de Capitais**. São Paulo: Report Editora, 2010. Disponível em: <<http://www.bmfbovespa.com.br/Indices/download/Livro-ISE.pdf>>. Acesso em 15 ago 2015.

NICHIOKA, Julio. **Análise da Sustentabilidade Organizacional:** O caso da construção civil. 2008. 262 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal Fluminense, Curso de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Disponível em: <<http://www.poscivil.uff.br/conteudo/analise-da-sustentabilidade-organizacional-o-caso-da-construcao-civil>>. Acesso em 19 ago. 2015.

SANTOS, Daniela Saraiva; LARANJA, Mirza. Sustentabilidade: a construção de uma nova gestão para empresas*. **Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social**, São Paulo, 15 maio 2014. Disponível em: <>. Acesso em 18 ago. 2015.

TIGUEIRO, Osvaldo Meira. Festejos juninos e os ritos de origem agrária. **Rev. Bras. de Com.**, v. 18, n. 2, p. 153-156, 1995. Disponível em: <<http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/1263/1216>>. Acesso em 23 ago. 2015.